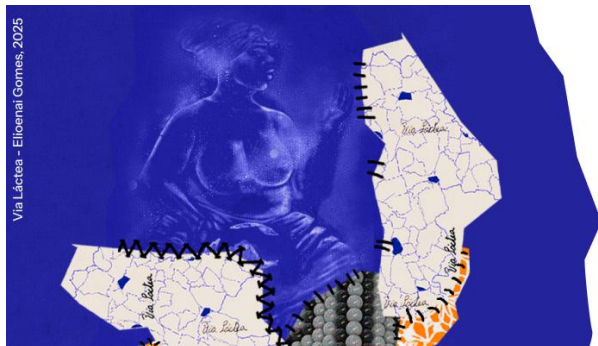




## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DA ABORDAGEM DO DRAMA PENSADA COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL ARTÍSTICA**

Flávia Janiaski Vale<sup>1</sup> – UFGD

Thacio Fagundes Vissicchio<sup>2</sup> – SEDUC - MT

O presente trabalho discute a abordagem do Drama e as tecnologias como potencialidades educacionais pensadas na formação de professores e em processos criativos com estudantes. Ao pensar a palavra tecnologia, bem como sua aplicação dentro do espaço escolar, refletimos como essa prática pode ser relacionada ao Drama no contexto educacional e social vigente.

A abordagem do Drama tem sua origem nos países anglo-saxônicos, a partir da inserção do drama na educação, tendo como pioneiros os nomes de Dorothy Heathcote (1926-2011) e Gavin Bolton, seguidos por Cecily O'Neil, Alan Lambert e a denominação de *Process Drama* ou *drama in education*. No Brasil, este método de ensino chega na década de 1990 pelas mãos da professora e pesquisadora Beatriz Ângela Cabral (carinhosamente conhecida como Biange).

O Drama como abordagem no Brasil tem - diferente de como ele é realizado na Inglaterra e em outros lugares do mundo - como pressuposto, a presença de teatralidade e o ensino de Teatro, de modo que sua execução se apresenta como um recurso profícuo tanto nas graduações de teatro e/ou artes cênicas, quanto para ser

---

<sup>1</sup>Doutorado em Artes Cênicas pela UFBA, com período sanduíche em University of Massachusetts Boston (UMASS) nos Estados Unidos. Mestrado em Teatro pela UDESC. Graduação em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas. Profa. Associada da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD no Curso de Artes Cênicas. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Mestrado Profissional da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [flajaniaski@hotmail.com](mailto:flajaniaski@hotmail.com).

<sup>2</sup>Mestrado profissional em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialização em Arte-Educação e Especialização em Educação Especial, ambas pela FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE (FAVENI). Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso. E-mail: [thacio\\_fagundes@hotmail.com](mailto:thacio_fagundes@hotmail.com)

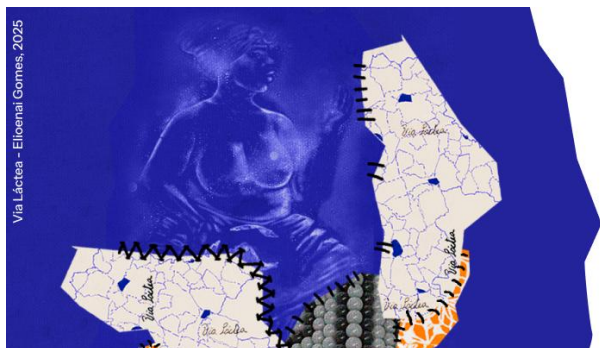
feito na educação básica e no ensino não formal, podendo abrir diversos caminhos para trabalhos pedagógicos interdisciplinares, colaborativos ou individuais.

Resumidamente, podemos dizer que a abordagem do Drama consiste na construção coletiva de uma narrativa cênica, que acontece de forma processual, dividida em episódios. O ponto de partida para a realização de um processo é o pré-texto, que irá definir um contexto de ficção para os participantes que irão vivenciar papéis.

Ou seja, entendemos que o Drama no Brasil acontece a partir de cinco convenções ou princípios básicos: pré-texto, processo, episódios, contexto de ficção e vivência de papéis. Em cada episódio usamos uma série de estratégias ou ferramentas para alcançar os objetivos do processo, como por exemplo ambientação cênica, professor-personagem, estímulo composto, círculos concêntricos, contação de história, improvisação, jogos, imagens congeladas, cenas paralelas, entre tantas outras.

Não existe uma receita pronta ou específica para fazer um Drama, existem as convenções e uma variedade de estratégias. O processo é construído a partir das pessoas que participam dele, podendo ter diferentes contextos, interpretações e percepções do que está posto e sempre com resoluções diferentes em cada grupo. Cabe a coordenadora/professora/conduzora, que está à frente do processo, escolher, conduzir e mediar as ações, respeitando e aceitando as contribuições e construções do grupo participante, para que juntos construam uma narrativa dramática.

Já as Tecnologias Educacionais são ferramentas e materiais que podem ser usados para potencializar o conhecimento, ou seja, são processos que irão ajudar professoras(res), educadoras(res) e estudantes na construção do ensino e aprendizado. Podem ser pensadas para formação continuada dos docentes e também para o ensino com as crianças. Apesar do nome gerar uma certa confusão, especialmente nos dias de hoje, elas não se restringem a ferramentas digitais. Elas envolvem um conjunto de experiências que acontecem também no ambiente *offline* e dialogam diretamente com a sociedade contemporânea. Alguns exemplos de



tecnologias educacionais digitais são os ambientes virtuais de aprendizagem: lousas digitais, *softwares*, aplicativos, realidade virtual, gamificação etc.; já um exemplo de tecnologia educacional que não seja digital são as ferramentas e metodologias que inovam o ambiente escolar: jogos, livros, materiais moldáveis, tintas, quebra-cabeça, mapas, instrumentos musicais etc.

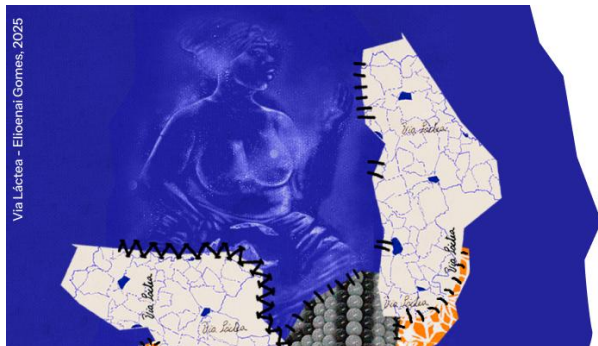
Buscando sobre sua etimologia, a palavra Tecnologia é formada por duas palavras gregas: “*Techné*” (arte, habilidade, técnica) e “*logos*” (raciocínio, razão, argumento), ou seja, a princípio tecnologia pode ser “traduzida” como “estudo da técnica”. Alguns filósofos, relacionam a palavra “*Techné*” com a ideia de produção (poiesis) do grego antigo, significando arte, ofício e habilidade. Para os gregos, esta palavra tinha o significado de trazer algo à luz, de revelar o que está oculto. Sendo assim, “*Techné*” pode ser entendida como uma forma de produzir algo com intenção e conhecimento, para que alguma coisa que esteja oculta seja revelado ao mundo.

Desta maneira, o significado mais aceito do termo tecnologia, é que ela é um conjunto de conhecimentos a respeito de determinado ofício. Ainda que, na atualidade, ela esteja diretamente ligada aos avanços digitais, internet, inteligência artificial, aparelhos eletrônicos, entre outros, em seu cerne, ela ainda está ligada à ideia de produção para revelar algo.

Paralelo a isso, a educação vem se transformando e, assim como Nóvoa pontua, acreditamos que teremos um novo modelo de educação daqui alguns anos e que precisamos ressignificar os conceitos de escola, estudante e professor, etc., pois, “o modelo escolar está em desagregação” (Nóvoa, 2019, p. 02).

O autor acredita que, mais do que uma crise no modelo escolar vigente que vem sendo anunciada por alguns teóricos desde a virada do século, estamos próximos, de fato, ao fim da escola como conhecemos, passando por uma alteração e uma “complexa metamorfose” em sua base fundadora. (Nóvoa, 2019).

As tecnologias estão ao alcance do professor e do educando, mas o processo do ensinar e do aprender deve ser repensado em como utilizá-las como, por exemplo,



deve-se definir o que vale a pena ser feito com o uso dessas tecnologias para que a aprendizagem seja significativa.

Por isso, pensar em processos de ensino e aprendizagem estéticos que gerem pesquisa científica e desenvolvimento cultural é basilar quando pensamos no teatro dentro do ambiente escolar ou comunitário. E acreditamos que a abordagem do Drama se apresenta como uma possibilidade de gerar as mais diversas tecnologias educacionais, assim, como também ser uma, especialmente quando pensamos em formação artística e pedagógica.

Compreendemos que a abordagem do Drama pode ser e gerar tecnologias educacionais, revelando-se como uma estratégia pedagógica capaz de responder aos desafios da formação docente e da educação escolar no século XXI.

Entendemos que a tecnologia não envolve apenas dispositivos digitais, mas também procedimentos, saberes e práticas culturais tornando-se, no contexto educacional, um campo fértil para a criação de abordagens e metodologias inovadoras, sensíveis e integradas à realidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

O Drama, pelo seu caráter formativo, criativo, imersivo, capaz de congrega diferentes estratégias, conteúdos e elementos teatrais, pode ser utilizado em diferentes contextos educacionais, podendo ser desenvolvido com públicos distintos e de idades distintas. Quando realizado na escola, pode se apresentar como uma potente tecnologia educacional.

Ao associar o Drama com o conceito ampliado de tecnologia, torna-se possível romper com o modelo tradicional e engessado de escola, desenvolvendo competências cognitivas, expressivas e sociais, ampliando o repertório de possibilidades dentro da educação, trazendo o fazer artístico como possibilidade de mudança para a educação.

Acreditamos ser necessário ressignificar a escola como espaço de criação, investigação e experimentação. Nesse movimento, o Drama vem ao encontro de promover habilidades para a vida, como o pensamento criativo, empatia e

pensamento crítico, deixando que a “metamorfose da escola” (Novoa, 2019) aconteça, começando pelos estudantes.

Ainda, é necessário que professoras se fortaleçam com seus planejamentos e referenciais teóricos para que possam proporcionar aos seus estudantes uma aula voltada ao conhecimento artístico, a partir das brechas dos documentos vigentes. Garantir que a fruição, expressão e criação sejam realizadas em sala de aula é papel fundamental da docente e isso é previsto nos documentos oficiais.

Acreditamos que é preciso estar aberto ao novo, a inovação que a tecnologia traz, ao universo em que se encontram nossos estudantes em seu cotidiano, para que dessa forma, cada uma de nós, professoras e professores de Arte, possamos criar estratégias eficazes para romper com o engessamento do currículo, o ensino tradicional e dialogar de forma mais direta com os educandos.

A partir disso, entendemos que o Drama e as tecnologias educacionais se tornam aliados para criação de processos criativos na educação, podendo ser uma forte abordagem de ensino, com grande potencial de inovação e estabelecendo inúmeros caminhos para o trabalho do teatro na educação formal e não formal.

### Referências:

- JANIASKI, Flávia. Process Drama e suas possíveis formas de desenvolvimento. *ouvirOUver*, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 436–450, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/53831>. Acesso em: 10 de abr. 2025.
- MENEGAZ, Wellington. *Drama e ciberespaço: navegação pelo ensino do teatro*. São Paulo: Hucitec, 2025.
- MENEGAZ, Wellington. Perspectivas do Drama no Brasil. *ouvirOUver*, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 363–374, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/58040>. Acesso em: 08 abr. 2025.
- NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 44, n. 3, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/84910>. Acesso em: 7 abr. 2025